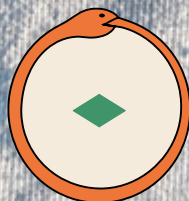
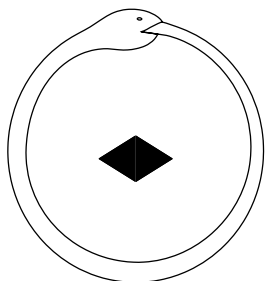


TERRA SEM MALES,
DEPRESSÃO, SONHO E ABELHAS
Carlos Papá, Cristine Takuá
e Ivanildes Kerexu



cadernos
SELVAGEM



TERRA SEM MALES, DEPRESSÃO, SONHO E ABELHAS

Carlos Papá, Cristine Takuá e Ivanildes Kerexu

*Este caderno é a transcrição de trechos da aula
“FRUTAS DA NHE’ĒRÿ; TEMBI’U PORÃ • TEMBI’U VAIKUE
Comida boa e saudável | Comida ruim doentia”, com Carlos Papá e
Ivanildes Kerexu, no ciclo presencial AYVU PARÁ¹, que aconteceu
no dia 31 de maio de 2023, no Museu das Culturas Indígenas, em São Paulo.
A capa deste Caderno é um recorte da obra produzida durante o ciclo
pelos artistas: Alexandre Wera, Maria Djera, Marcinho Xunu,
Wera Juninho, Rafael Kaje, Kauê Karai e Bruno Djeguaka.*

DEPRESSÃO

IVANILDES KEREXU: Os mais velhos sempre falam que, além de comer alimentos saudáveis, a gente precisa de *mbaraete*, que é fortalecer o espírito. Eu acho que isso está faltando. O nosso espírito também precisa se fortalecer. Este é um debate que a gente vem trazendo dentro das aldeias. Eu atuo como coordenadora da minha região no Fórum das Comunidades Tradicionais, e lá estamos discutindo projetos para ver de qual forma a gente vai trabalhar com o tema da depressão. Não queremos deixar os nossos jovens direto para que os juruá façam do jeito que eles entendem, que é mandar para a psicóloga. Onde a gente vive, estamos nessa construção. Nós, lideranças, não paramos em casa. Vivemos nesses debates, reuniões... Deixamos nossas famílias de lado para lutar pelos direitos, pela coletividade das aldeias. Isso me deixa muito pensativa.

1. Do ciclo presencial emergiu [o ciclo online](#) AYVU PARÁ – desenho da fala —, composto por 13 aulas-filmes, conduzido por Carlos Papá e convidadas, sobre os significados de diversas palavras na língua Guarani. Para saber mais, além de ter acesso a cadernos em PDF e outros materiais que complementam as aulas, acesse a [página do ciclo](#) no site Selvagem.

CARLOS PAPÁ: Depressão é quando a gente tenta achar quem somos. Quem eu sou? Meu nome é Carlos, o Papá, mas como eu sou, na verdade? Eu não me sinto eu, quem eu sou. Quando a gente vai na casa de reza, o líder espiritual fala assim: “Ah, seu nome é tal, você veio de tal lugar, esse lugar é onde você pertencia e você cuidava desse lugar. Você veio orientado de lá e é por isso que você está aqui”. Com certeza alguma coisa você lembra desse lugar. Para lembrar desse lugar você precisa de concentração. Na hora que você levanta e vai andar pelo caminho e sentir o que se chama “*Nhemopyambú nhendurã rupi nhemopyrõ*” quer dizer “pisar e sentir o barulho do seu próprio pé”.

Então o barulho do seu pé e o seu caminhar vão fazer um som, vão fazer narrações dos seus passos. Cada lugar vai fazer um som diferente: tem onde você vai soar, onde vai ouvir grilos, vai ouvir pássaros, vai ouvir vento, vai ouvir os rios, vai ver as pessoas, vai ver os animais, vai ver coisas, flores, aromas, cheiros, enfim... Nesse lugar você vai fazer um som. Quando o pé está aqui, é outro som. Se eu pisar, é outro som. Esse som vai fazendo combinações dos espaços e lugares do ambiente onde você está, para você encontrar o seu eu... e ouvir. A partir daí você vai sentir os seus passos como são, não só andar por andar, mas sim na conexão direta com a *nhe'ẽrỹ*. *Nhe'ẽrỹ*, onde as almas se banham, não é somente andar por andar; tem que andar concentrado, sentir, ouvir os passos, o seu corpo e, ao mesmo tempo, o cheiro e o vento.

Essa é a cura verdadeira. Não adianta um médico, não adianta o curandeiro, não. É você mesma. Você estar nesse estado de concentração para sentir você, sentir nós mesmos e trazer o que está escondido lá. Quando a gente traz essa pergunta, quando atrai essa forma de depressão, é porque a gente tem um certo limite, e esse limite não sabe de onde surgiu. Para se curar, tem que estar na mata. Tem que pisar em cima das folhas, na água, sentir... Vai praticando, vai descarregando... Quando você for ver, não vai precisar tomar remédio.

Hoje também é uma preocupação o tanto de tecnologia que dá muitas informações e não se sente mais. Você quer saber a cor dessa linha ou a cor da onça? Você não faz mais um desenho e diz “ah, eu acho que é assim”, não. Você vai lá diretamente no celular e pesquisa “como é que é mesmo a cor?”, “ah, eu acho que é assim”, então já vem pronto,

tudo pronto. Não dá tempo de você pensar, não dá tempo de criar imaginação, então isso deixa você meio parado e dependente daquilo. Apriornado, mas não sabe em quê. Então o jeito é trazer essa conexão de novo do escuro, que está lá presa, trazer e sentir de novo isso. A partir do momento que você descobre quem é o seu eu, você será muito mais feliz, você se aceita: “ah, eu sou assim mesmo, eu sou meio atrapalhado mesmo, mas eu sou assim e sou muito feliz!”. Então isso é a cura.

SONHO

CRISTINE TAKUÁ: Queria falar do alimento, porque me veio um pensamento. Há várias formas de alimento. Tem alimento que alimenta o nosso corpo. Eu brinco que a comida alimenta o nosso bucho. Só que tem outro alimento, que é o alimento do espírito. Eu tenho insistido muito em falar que a nossa alma fica com anemia se a gente deixa de sonhar; então, se você passa muitas, muitas noites sem sonhar, vai gerando tipo uma anemia. Se você come poucas vitaminas, o sangue fica fraco, você tem o corpo fraco. Se você sonha pouco ou não sonha, ou nunca se lembra, você vai ter o seu espírito anêmico.

Eu estou começando a refletir e a relacionar a depressão como uma espécie de anemia do espírito. Porque as pessoas estão muito aceleradas, e esse negocinho aqui (*mostra o celular*) deixa a gente mergulhado num universo de informação que, quando anoitece, a gente às vezes não para nem pra respirar. Não para pra sentir o tempo, o vento, sentir as mensagens que são esse alimento para o nosso espírito. Quando eu vejo muitos jovens com depressão, ou com tristeza, ou chegando nesse ponto mais forte que é o suicídio – algo muito triste –, eu vejo uma anemia profunda da alma. Precisamos alimentar o nosso espírito, alimentar a nossa alma e sonhar mais.

Os sonhos nos direcionam e nos colocam no sentido de um entendimento; que nem quando você come ora-pro-nóbis, quando você come alimentos potentes e fortes e fica forte e saudável para fazer as coisas. Quando a gente sonha bastante, a gente recebe orientações que nutrem o nosso espírito. Refletir sobre essas muitas formas de alimento e

o quanto às vezes a gente está forte, aparentemente, mas, na verdade, muito enfraquecido, numa anemia. Pode ser até um pouco metafórico o que eu estou falando, mas é no sentido de a gente entender a dimensão desses muitos alimentos que permeiam a nossa existência.

KEREXU: O sonho é muito importante para a nossa caminhada e para o nosso dia a dia também. Sonhar vem de duas formas: tem o sonho que é espiritual, um sonho bom, que mostra o caminho, e também tem o sonho que pode desviar do caminho. Então tem dois sonhos que a gente precisa estar atento. Por isso que é muito importante, quando a gente sonha, contar para uma pessoa mais velha que está na aldeia: “Eu sonhei dessa forma, o que significa?”. Às vezes, no sonho, parece que é real, mas pode ser um desvio do caminho certo. Por isso que a gente acorda e precisa contar para a pessoa poder decifrar o sonho.

E, no meu ponto de pensar, tem o sonho de você querer algo. Eu sonhava e pensava, quando eu via aqueles *xeramõi kuery*, *xejarýi kuery*, os mais velhos, as mais velhas, eu falava assim: “Quando eu crescer eu vou ser igual àquele *xeramõi* ali, igual àquela pessoa ali”. A gente precisa ter esse sonho, precisa se inspirar para não se perder. Acho que o que esse jovem de hoje precisa é isso: se inspirar vendo as pessoas mais velhas que estão ali.

Eu sempre me inspirava no meu avô. Eu via ele bem velhinho dando aqueles conselhos... Eram muito legais os conselhos que ele dava. Via aqueles filhos dele, ao redor, todos crescidos, e eu falava assim: “Eu vou ser igual a ele, vou dar conselho pra todo mundo”. Hoje eu sempre falo que o nosso sonho é dar força para enfrentar esses momentos difíceis que a gente sofre, que a gente passa. Hoje eu tenho essa visão de que a gente precisa de sonho, é necessário.

Quando a gente quer algo, a gente precisa focar para que esse sonho seja realizado dentro do nosso sonho. A gente, inclusive, tem vários cantos que vieram através desses sonhos – às vezes para fortalecer uma pessoa que está doente, ou também para fortalecer algo que a gente gostaria que acontecesse, aí vem através do sonho. Também tem várias formas de sonho que vêm para fortalecer o canto. O canto da casa de reza geralmente vem através do sonho, pelos pajés, pelas pessoas da religiosidade que estão ali.

PAPÁ: No sonho, a pessoa tem que estar por inteiro. Quando a gente traz uma cura ou procura algo, a gente fecha o olho. Quando vai rezar, por exemplo, a gente fecha o olho. Ou você está pensando alguma coisa assim muito profunda, você fecha o olho. Por que a gente fecha o olho? Porque a gente está buscando a cura.

Essa forma de cura e ao mesmo tempo de ser, de alimentar o espírito, é quando você percebe que, na caminhada, o sol está junto de você. Você vai caminhando e atrás vem a sombra. Dependendo de onde o sol bate, a sombra vai acompanhando você. Quando você perceber que é a noite, que é o escuro que nina você, você tem que se entregar por inteiro, porque antes de a gente nascer, a gente está no ventre da mãe e não enxerga nada, não sabemos o que está acontecendo quando estamos no ventre da mãe. Mas a gente sabe a voz da mãe, a voz do pai, a voz de alguém por aí, mas a gente não enxerga. Mesmo assim, a gente está bem, está seguro, quentinho. Depois que a gente nasce e vai crescendo, a gente esquece do nosso escuro interior, esquece que o escuro é mãe, que o escuro está o tempo todo. Quando você está andando, a sombra te acompanha; é a mãe, sempre com você. Então, na hora que você vai deitar, o escuro nina você.

Você trabalhou o dia inteiro e vai descansar, aí fecha os olhos... O escuro está com você, está em você, de novo, para te ninar. Entender que o escuro está o tempo todo com a gente, para poder descansar, para alimentar o nosso espírito. Por isso temos que trazer o nosso eu de novo, o eu que está dentro do escuro, e ter uma integração de entendimento que o escuro é um ser muito profundo, que a gente precisa dar atenção para sonhar, que é de onde a mãe-escuro começa a falar as coisas: “Oh, é isso, vai acontecer isso...”. Ou, às vezes, tem momentos em que você não está bem e por isso vêm coisas confusas. Você tem que dar um tempo e trazer respostas de novo por você, inconscientemente: “O que eu fiz? O que está acontecendo?”. E aí o escuro vai dar informações, vai falar para você andar, porque por onde você anda a sombra está com você; a sombra é o escuro. É por isso que a gente tem que ter essa liberdade de se entregar e integrar quando a gente está na cama. Esquecer celular, esquecer livro, esquecer de tudo. “Ah, quero dormir... E você, me faça ninar para eu descansar, traga as coisas boas”. Faça esse teste que o escuro vai ninar vocês muito e vocês vão ser felizes.

KEREXU: A gente não tem abelhas, mas elas são muito importantes, principalmente a jataí, que faz parte da religião indígena Guarani. A cera é muito importante para fazer a velinha que a gente acende na casa de reza. Na hora do batismo a gente usa muito ela, na hora do batismo do milho, no batismo da água, no batismo do *ka'a* – que é a erva-mate –, e também no batismo da criança. Nesses momentos, a gente usa bastante a velinha feita com a cera da jataí. A gente também faz uma pintura no rosto e em partes de articulações, na perna, no tornozelo, para que os jovens se protejam dos espíritos do mal que podem atrapalhar as suas vidas. Porque a gente acredita que, quando se é jovem, o espírito está fraco, e é por isso que tem que ter essa proteção, tem que fazer toda essa pintura para que a vida do jovem esteja protegida desses espíritos. Por isso que a gente pensa em criar essa abelha, mas hoje ela está bem difícil de achar na mata. Em Tupi-Guarani o nome dela é *yata' i*, e a cera é *araity*.

PAPÁ: O meliponário é extremamente importante para a preservação das abelhas nativas, das abelhas sem ferrão. Na nossa aldeia a gente tem incentivado os jovens tanto a cuidar como também a conversar e a interagir com as abelhas. Lá nós temos não só a jataí, e o meu filho Bruno Djeguaká, um jovem guarani, é quem coordena o meliponário.

BRUNO DJEGUAKÁ: Meu nome é Bruno Djeguaká e eu cuido das abelhas. Tem jataí, mandaçaia, urucu e mandaguari. E eu vou aprendendo com elas também. Dá pra fazer xarope com mel, dá pra fazer um monte de coisas... e eu vou aprendendo.

PAPÁ: Eu fico incentivando os jovens a conhecer esse lado, a aprender junto com os animais e os insetos. Através disso, *Nhe'ẽrỹ* fica mais forte. Essa é uma forma que a Escola Viva traz, ensina – “ensina” não, dá o suporte. Eu acho uma palavra feia “ensinar”, parece que todo mundo não sabe de nada. Eu incentivo a dar o suporte para que os jovens

tenham mais interesse, nesse sentido de valorizar o próprio caminhar, e através desse valorizar e se conhecer é que vão entendendo os passos da sua própria vida.

Na Escola Viva que eu e a Cris coordenamos², nós sempre fazemos a atividade de andar na floresta, plantar; também falamos da importância de sentir o cheiro, para que os jovens sintam o cheiro, e reconheçam qual cheiro é – esse é o ensinamento, não é obrigar que os jovens conheçam isso, mas tenham a sensibilidade de, aos poucos, ir conhecendo esse lado, de que o viver é bom.

TERRA SEM MAL

PAPÁ: Nós temos uma cosmologia, do nosso pensamento, da “terra sem mal”; mas “terra sem mal” é uma forma que acharam, um nome criado para se ter uma ideia desse lugar. Quando se fala *nhamoatyro nhande reté imarãe'y aguã py*, isso significa se transformar, transformar um corpo para a imortalidade. Quando se vinha para a *Nhe'ẽrỹ* para encontrar o lugar prometido, a partir do movimento que está nesse lugar específico, o rezador, o condutor – que é espiritualizado – e o grupo que está junto e é preparado encontrarão iluminações espirituais em que se transformarão em seres que vão encontrar a imortalidade. Nós acreditamos que a gente veio ao mundo com o corpo, mas a gente também tem uma capacidade de voltar com o corpo e a alma sem morrer. O desafio para vir ao mundo é o de ensinar para as pessoas que não é preciso morrer para encontrar a vida celestial, a vida prometida, a vida tranquila. Não precisa encontrar a morte para se tornar imortal. Nós temos isso muito claro na nossa cosmologia, no nosso pensamento, por isso chamam de *Yvy marã e'ỹ*. Essa “terra sem mal” é só invenção, é uma ideia, talvez criada só para alcançar mais ou menos o que seria. Ela não é exatamente um lugar, mas é sim o se transformar para uma vida de imortalidade, encontrar esse mundo da imortalidade, isso sim é uma forma de “terra sem mal”.

2. Mbya Arandu Porã, na Terra Indígena Ribeirão Silveira, em Bertiooga-SP

Para estar em conexão e aceitar quem você é, os grandes sábios falam para descobrir o sentir dos passos, do caminhar, do que é importante. Para os Guarani Mbya, isso é quando a pessoa anda bem devagar, sem fazer barulho, e pisa firme pra ouvir o barulho e sentir, para que o corpo tenha flexibilidade. Não é só caminhar, mas estar em conexão com tudo. Tem a árvore grande, média e depois a pequena, e até mesmo o mínimo, até um grãozinho de coisinha mínima está lá dando umas florzinhas. Se você for analisar, tem uma flor. E a gente, sem perceber, passa direto, não percebe aquilo, mas é legal se sentir parte, andar firme e em conexão, tentar ver e lembrar onde você passou. Isso traz uma certa força, traz essa rede, como a teia de energias que alimenta o nosso caminhar, o nosso respiro, porque nossos poros captam informações e energias. Por isso que o caminhar é importante; e sentir, não só caminhar, tem que sentir também o som. O dia em que você for caminhar na praça, em algum lugar, vai sentindo o som: “pá, pá, pá”; se pisar em cima do tronco vai fazer outro barulho: “tom, tom, tom, tchi, tchi, tchi”; nas pedras é outro som: “rop, rop, rop, chi, chi, chi”; vai fazer um som... E isso te alimenta, parece que não tem importância, mas é importante ouvir o som. Aquele som vai alimentando a bateria da vida.

CARLOS PAPÁ

Carlos Papá é um líder e cineasta indígena do povo Guarani Mbya. Trabalha há mais de 20 anos com produções audiovisuais, com o objetivo de fortalecer e valorizar a cultura Guarani Mbya por meio da realização de documentários, filmes e oficinas culturais para os jovens. É o coordenador da escola viva Guarani – Ponto de Cultura Mbya Arandu Porã. Também atua como líder espiritual em sua comunidade. Vive na aldeia do Rio Silveira (SP), onde participa das decisões coletivas e busca ajudar a sua comunidade a encontrar caminhos para viver melhor. Também é conselheiro do Instituto Maracá e representante pelo litoral norte de SP da comissão Guarani Yvy Rupa (CGY).

CRISTINE TAKUÁ

Cristine Takuá é filósofa, educadora e artesã, formada em Filosofia pela UNESP. Foi professora por doze anos na Escola Estadual Indígena *Txeru Ba'e Kuai'*. Participa do Selvagem desde 2019 e atualmente coordena o diálogo com as quatro Escolas Vivas, projetos indígenas para o fortalecimento e transmissão de saberes tradicionais. É representante do NEI (Núcleo de Educação Indígena) na Secretaria de Educação de SP e membro fundadora do FAPISP (Fórum de Articulação dos Professores Indígenas do Estado de SP). É diretora do Instituto Maracá, que faz a gestão compartilhada do Museu das Culturas Indígenas, em São Paulo. Foi coordenadora da Comissão Yvy Rupa Guarani de 2016 a 2019. Reside na Terra Indígena Rio Silveira, localizada na divisa dos municípios de Bertioga e São Sebastião.

IVANILDES KEREXU

Ivanildes Kerexu é moradora da Terra Indígena Boa Vista, aldeia Rio Bonito. Kerexu vem há muitos anos lutando para defender seu território e fortalecer a cultura do seu povo Guarani Mbya. É uma grande defensora dos direitos das mulheres e vem buscando orientar os mais jovens através das boas e belas palavras.

O trabalho de produção editorial dos Cadernos Selvagem é realizado coletivamente com a comunidade Selvagem. A coordenação editorial é de Mariana Rotili e a editoração de Isabelle Passos. Agradecemos a Katlen Rodrigues pela transcrição e a Daniel Grimoni pela revisão final do caderno.

Mais informações em selvagemciclo.com.br

Todas as atividades e materiais do Selvagem são compartilhados gratuitamente. Para quem deseja retribuir, convidamos a apoiar financeiramente as Escolas Vivas, uma rede de 4 centros de formação para a transmissão de cultura e conhecimentos indígenas.

Saiba mais aqui: selvagemciclo.com.br/colabore

KATLEN RODRIGUES

Me chamo Katlen, atualmente moro em São Paulo. Nasci no ano 1991 e trabalho como designer freelancer. Atualmente tenho estudado as ciências humanas fora do eixo Ocidental e os pensamentos decoloniais. Estou me formando ogã e tenho o sonho de ainda conseguir atuar na educação e morar mais próxima à natureza. Acredito firmemente no amor, na generosidade, nas criaturas, nas autogestões e no compartilhamento livre de tudo.